

MÁRCIO SOUZA: A PALAVRA COMO RESISTÊNCIA NA AMAZÔNIA

MÁRCIO SOUZA: THE WORD AS RESISTANCE IN THE AMAZON

Carlos Antônio Magalhães Guedelha¹

Resumo: Este artigo propõe uma leitura crítica da produção escrita de Márcio Souza como um projeto artístico e intelectual que tensiona as narrativas oficiais, resgata vozes subalternizadas e denuncia as múltiplas formas de violência – simbólica, histórica, ambiental e social – que marcam o território amazônico. O estudo busca evidenciar que, através de seus romances históricos, filmes, peças teatrais, ensaios e intervenções públicas, Souza articula uma linguagem que não se conforma com os silenciamentos impostos à floresta e aos seus povos, fazendo da palavra uma arena de debates e de afirmação identitária. Trata-se de um escritor cuja trajetória intelectual inscreve-se como uma das mais vigorosas expressões da resistência cultural na Amazônia brasileira. Escritor, cineasta, dramaturgo, ensaísta, crítico e gestor cultural, Souza construiu uma obra multifacetada, marcada pelo enfrentamento às hegemonias simbólicas impostas contra a região e pelo compromisso radical com a história, a cultura e os conflitos da Amazônia. A palavra, em sua obra, extrapola a mera função como instrumento de comunicação e se instaura como ato político e gesto de insurgência. A pesquisa sublinha também que, ao situar sua palavra no coração de uma região marcada pela colonialidade, pelo extrativismo predatório e pela exclusão sociocultural, Márcio Souza funda um discurso que vai além da denúncia: sua obra reconfigura os modos de narrar a Amazônia, atribuindo-lhe complexidade, historicidade e autonomia. Assim, este estudo pretende discutir de que maneira a palavra, em sua dimensão estética e política, opera como instrumento de resistência no pensamento e na criação de Márcio Souza, contribuindo para o fortalecimento de uma consciência crítica amazônica e para a ampliação do repertório cultural brasileiro.

Palavras-Chave: Amazônia; Márcio Souza; Palavra; Resistência.

Abstract: This article proposes a critical reading of Márcio Souza's written production as an artistic and intellectual project that challenges official narratives, rescues

¹ Professor na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Pós-doutor em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB). Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Egresso do PPGSCA/UFAM.

subaltern voices, and denounces the multiple forms of violence—symbolic, historical, environmental, and social—that mark the Amazonian territory. The study seeks to demonstrate that, through his historical novels, films, plays, essays, and public interventions, Souza articulates a language that refuses the silencing imposed on the forest and its peoples, Turning the word into an arena of debate and identity affirmation. He is a writer whose intellectual trajectory stands as one of the most vigorous expressions of cultural resistance in the Brazilian Amazon. As a writer, filmmaker, playwright, essayist, critic, and cultural manager, Souza has built a multifaceted body of work, marked by the confrontation with symbolic hegemonies imposed upon the region and by a radical commitment to the history, culture, and conflicts of the Amazon. In his work, the word transcends its basic communicative function and becomes a political act and a gesture of insurgency. This research also highlights that, by situating his discourse at the heart of a region shaped by coloniality, predatory extractivism, and sociocultural exclusion, Márcio Souza establishes a voice that goes beyond denunciation: his work reconfigures the ways of narrating the Amazon, endowing it with complexity, historicity, and autonomy. Thus, this study aims to discuss how the word, in its aesthetic and political dimensions, operates as an instrument of resistance in Márcio Souza's thought and creative practice, contributing to the strengthening of a critical Amazonian consciousness and to the broadening of the Brazilian cultural repertoire.

Keywords: Amazon; Márcio Souza; Word; Resistance.

Introdução

Convém começar este texto com uma afirmação do próprio Márcio Souza, carregada de intenso simbolismo. Ele afirma, no livro *A expressão amazonense* (2010), que “Amazônia é ainda uma das pátrias do mito, onde ainda existe uma unidade entre o pensamento e a vida numa constante interação de estímulos e afirmação”. E complementa que “a Amazônia estará livre quando reconhecermos definitivamente que essa natureza é a nossa cultura, onde uma árvore derrubada é como uma palavra censurada e um rio poluído é como um uma página rasurada” (Souza, 2010, p. 26). Temos aqui uma síntese poética e crítica da visão de mundo que perpassa sua obra intelectual e literária.

Ao chamar a Amazônia de “pátria do mito”, Souza resgata a ancestralidade das narrativas orais, dos saberes tradicionais e das cosmologias indígenas que estruturam os modos de vida amazônicos. Diferentemente da lógica ocidental que separa natureza e cultura, razão e mito, o autor identifica uma interdependência fundamental entre os elementos naturais e os sistemas simbólicos da região. Na Amazônia, a floresta fala, os rios têm memória e os seres humanos compartilham uma existência integrada com os ciclos da terra e das águas.

Essa visão descolonial rompe com o discurso hegemônico que enxerga a natureza apenas como recurso a ser explorado e a cultura como privilégio das cidades e das elites. Ao afirmar que “a natureza é a nossa cultura”, Souza propõe uma ética

amazônica em que a destruição ambiental equivale à repressão cultural. A metáfora é eloquente: uma árvore derrubada é como uma palavra censurada, um rio poluído é como uma página rasurada. Aqui, a violência ecológica é tratada como violência simbólica: silenciar a floresta é silenciar um modo de vida, um repertório estético e político, uma identidade coletiva.

Trata-se, portanto, de um pensamento que reivindica o reconhecimento da Amazônia não apenas como um bioma a ser protegido, mas também como um território cultural pleno, com seus próprios modos de pensar, narrar, criar e existir. É também uma crítica direta aos modelos desenvolvimentistas que reduzem a região a um “vazio demográfico” ou a uma “reserva de recursos”, ignorando as populações tradicionais e suas formas de convivência com o meio. A metáfora posta em destaque parece sintetizar o compromisso ético e estético de Márcio Souza com a Amazônia como centro de produção de sentido, de resistência simbólica e de invenção de alternativas ao paradigma civilizatório que a devasta.

Márcio Gonçalves Bentes de Souza (Márcio Souza) nasceu no dia 4 de março de 1946, na cidade de Manaus, capital do Amazonas, e faleceu na mesma cidade, aos 78 anos, no dia 12 de agosto de 2024. Sua trajetória intelectual inscreve-se como uma das mais vigorosas expressões da resistência cultural na Amazônia brasileira. Escritor, cineasta, dramaturgo, ensaísta, crítico e gestor cultural, Souza construiu uma obra multifacetada, marcada pelo enfrentamento às hegemonias simbólicas impostas contra a região e pelo compromisso radical com a história, a cultura e os conflitos da Amazônia. Desde seus primeiros romances, como *Galvez, imperador do Acre* (1976), até sua produção ensaística mais recente, a palavra, em sua obra, extrapola a mera função como instrumento de comunicação e se instaura como ato político e gesto de insurgência.

Sua atuação intelectual se desdobrou em conferências e aulas em universidades como Berkeley, Stanford, Austin, Dartmouth, Sorbonne, Coimbra, Universidade Livre de Berlin, Harvard, e Santiago de Compostela, sempre reafirmando a centralidade da Amazônia como território de disputa epistemológica. Foi membro da Academia Amazonense de Letras e, em 2022, recebeu o título de doutor honoris causa da Universidade Federal do Amazonas. Mesmo quando esteve longe do Amazonas, Souza nunca se afastou de sua terra natal: escrevia para os jornais de Manaus, dialogava com artistas locais, participava ativamente da vida cultural amazonense. Sua escrita ensaística, portanto, está enraizada na realidade que descreve, sem perder a amplitude de um pensamento cosmopolita.

Este artigo propõe uma leitura crítica da produção de Márcio Souza como um projeto literário e intelectual que tensiona as narrativas oficiais, resgata vozes subalternizadas e denuncia as múltiplas formas de violência – simbólica, histórica, ambiental e social – que marcam o território amazônico. Através de romances históricos, filmes, peças teatrais, ensaios e intervenções públicas, Souza articula uma linguagem que não se conforma com os silenciamentos impostos à floresta e aos seus povos, fazendo da literatura um campo de disputa de sentidos e de afirmação identitária.

Ao situar sua palavra no coração de uma região marcada pela colonialidade, pelo extrativismo predatório e pela exclusão sociocultural, Márcio Souza funda um discurso que vai além da denúncia: sua obra reconfigura os modos de narrar a Amazônia, atribuindo-lhe complexidade, historicidade e autonomia. Assim, este estudo pretende discutir de que maneira a palavra, em sua dimensão estética e política, opera como instrumento de resistência no pensamento e na criação de Márcio Souza, contribuindo para o fortalecimento de uma consciência crítica amazônica e para a ampliação do repertório cultural brasileiro. Os tópicos que estruturam este estudo trazem à luz aspectos da multifacetada produção e atuação de Márcio Souza, como cineasta, teatrólogo, ficcionista, ensaísta, gestor e ativista cultural.

O cineasta e a formação de um olhar político e estético

Antes de se tornar um dos principais ficcionistas da literatura brasileira contemporânea, Márcio Souza iniciou sua trajetória intelectual nas salas de cinema e nas páginas de jornal. Ainda adolescente, em Manaus, colaborava com jornais locais escrevendo críticas cinematográficas. Essa atividade precoce revelava não apenas um gosto refinado pela arte audiovisual, mas também a capacidade de articular linguagem estética e análise sociopolítica, traço que marcaria toda a sua obra futura. Ao mudar-se para São Paulo, Souza ingressou no curso de Ciências Sociais da USP, ao mesmo tempo em que mergulhava no universo do cinema, em particular nas obras do neorrealismo italiano, da Nouvelle Vague francesa e do Cinema Novo brasileiro. Foi nesse ambiente de efervescência cultural e crítica política que seu olhar cinematográfico se consolidou como ferramenta de interpretação do mundo.

Márcio Souza se destacou como crítico de cinema nos anos 1960 e 1970, escrevendo para revistas e suplementos culturais. Suas críticas iam além da apreciação formal: eram ensaios incisivos sobre a função ideológica do cinema, a manipulação simbólica da imagem e os efeitos do audiovisual na construção de imaginários sociais. Inspirado por autores como Eisenstein, Bazin e Glauber Rocha, Souza defendia um cinema comprometido com a transformação da realidade, capaz de revelar as contradições da sociedade brasileira. Sua incursão na direção cinematográfica, embora breve, também foi significativa. Em 1970, dirigiu *A Selva*, adaptação do romance homônimo do escritor português Ferreira de Castro. O filme, ambientado na floresta amazônica, denuncia a exploração dos seringueiros e a violência do sistema econômico baseado no extrativismo. A obra foi marcada por dificuldades técnicas e censura política, reflexo do contexto autoritário da ditadura militar.

Em entrevista ao canal Paiol Literário, no dia 9 de agosto de 2011, Souza esclarece que, quando morou em São Paulo, nas décadas de 60/70, fez roteiros para filmes sertanejos com Tônico e Tinoco. Quanto a *A selva*, diz ele: “Foi o único filme que fiz, e foi um filme importante para mim, independentemente da sua qualidade. Primeiro porque entendi que eu não entendia nada da minha região. Eu poderia ser chinês, teria dado no mesmo. Apesar de ter nascido e estudado em Manaus, eu não

entendia nada”². Depois, chegaria à conclusão de que gostava mesmo era de escrever as histórias dos filmes, e não exatamente de fazer a filmagem e a montagem. Uma boa amostra de sua crítica de cinema é o livro *O Mostrador de sombras*, publicado em 1969, uma reunião de críticas e ensaios de cinema publicados anteriormente em jornais. Foi editado em Manaus, pela União Brasileira dos Escritores, Seção do Amazonas.

Souza defende que apenas o realismo documental de Silvino Santos (ao lado de Ferreira de Castro) conseguiu retratar a Amazônia do ciclo da borracha com autenticidade, rompendo com estereótipos e discursos vazios. Sua produção cinematográfica é reconhecida por revelar a região além da fantasia comercial. Souza observa que Silvino Santos, apesar de trabalhar sob os auspícios do grande capital, especialmente dos barões da borracha como J. G. Araújo, como artista supera as limitações financeiras e sociais, criando uma linguagem cinematográfica própria e sensível. Destaca que Silvino Santos não apenas foi pioneiro no cinema amazônico, mas também criou uma “gramática do cinema” única, instintiva, moderna para sua época, comparável ao trabalho de Humberto Mauro no contexto nacional.

Souza postula a importância do reconhecimento de Silvino Santos dentro da gênese do cinema brasileiro. Para ele, o cinema da Amazônia construído por Silvino é fundamental para compreender o próprio desenvolvimento do cinema nacional. No livro *Silvino Santos: o cineasta do ciclo da borracha*, Souza (2007) organiza uma abordagem estruturada em oito capítulos, contextualizando o ambiente cultural e social do ciclo da borracha. O livro traz ainda fotogramas excepcionais de filmes como *No Paiz das Amazonas*, *No rastro do Eldorado* e *Terra encantada*, além de cenas domésticas e indígenas. Nesse ensaio, ele reitera que o cinema de Silvino é uma obra documental e artística que deve ser mais bem reconhecida e estudada, tanto na Amazônia quanto na historiografia do cinema nacional. O pesquisador Narciso Lobo, na “orelha” da segunda edição do livro, assegura que a obra vincula-se à tese central de Márcio Souza de que “somente o realismo e o documental, pelas mãos de Ferreira de Castro com seu romance *A Selva*; e Silvino Santos, com sua extensa documentação fotográfica e cinematográfica, conseguiram revelar a Amazônia do Ciclo da Borracha, fora dos estereótipos e dos discursos vazios” (Lobo in: Souza, 2007 – orelha).

Apesar de não seguir carreira contínua como cineasta, Souza levou para sua literatura a sensibilidade imagética e a montagem cinematográfica, perceptível, por exemplo, nas sequências fragmentadas e na alternância de planos narrativos em vários de seus romances, como é o caso de *Galvez*, *Imperador do Acre* e de *Mad Maria*. A experiência de Márcio Souza como crítico e cineasta foi, portanto, essencial para a formação de seu estilo narrativo e de sua consciência estética. Sua escrita carrega a precisão do enquadramento, a construção de cena e o ritmo dramático herdados do cinema. Mais do que um exercício de juventude, sua relação com o audiovisual moldou uma visão de mundo em que arte, história e política são indissociáveis, marca definitiva de sua trajetória intelectual. A sua produção

² Entrevista concedida ao Paiol Literário, em 9 de agosto de 2021. <https://paiolliterario.com.br/marcio-souza/>

cinematográfica, ainda que relativamente breve, configura-se como um campo privilegiado para compreender a formação de seu olhar político e estético.

Conforme apontado por Theodor Adorno (2003), a arte tem um papel fundamental na crítica à sociedade reificada e mercantilizada, permitindo o surgimento de uma consciência crítica capaz de desafiar o *status quo*. Nesse sentido, o cinema de Souza ultrapassa a mera representação visual da Amazônia para constituir uma narrativa de resistência às opressões sociais e ambientais que marcam a região, especialmente no filme *A Selva*, no qual o submundo dos seringais amazônicos, circunscritos a uma zona de silêncio e sombras, recebem as luzes do olhar crítico e denunciante.

Walter Benjamin (1994) enfatiza a função política da arte e da narrativa, ressaltando seu potencial pedagógico e emancipatório, aspectos evidentes na maioria dos filmes e roteiros de Souza, que visam provocar no espectador uma reflexão crítica sobre as dinâmicas de poder locais e nacionais. Assim, a cinematografia de Márcio Souza emerge não apenas como um documento visual, mas fundamentalmente como um ato estético-político que integra sua obra multifacetada de resistência cultural amazônica.

O Teatrólogo: política e memória amazônica em cena

A trajetória de Márcio Souza no teatro é parte fundamental de sua produção artística e intelectual, embora muitas vezes ofuscada por sua consagração como romancista. No entanto, é no palco que ele aprofunda sua relação com a oralidade, com a cultura popular amazônica e com as estratégias de comunicação política direta. Sua dramaturgia está intrinsecamente ligada à função social da arte e ao desejo de construir, por meio da cena, uma consciência crítica sobre a história e os conflitos da região Norte do Brasil. Influenciado pelo teatro épico de Bertolt Brecht, Souza acreditava que o palco deveria ser um espaço de reflexão e intervenção. Rejeitava o teatro voltado apenas ao entretenimento, defendendo a cena como instrumento de educação popular, especialmente num país marcado pela desigualdade cultural.

Entre os exemplos expressivos de sua dramaturgia consta *A Paixão de Ajuricaba* (1974), que resgata a figura do líder indígena manau que resistiu aos colonizadores portugueses no século XVIII. Nessa peça, Souza recupera não apenas um personagem apagado pela historiografia oficial, mas também as formas narrativas indígenas e populares, construindo uma peça que cruza mitologia, história e política. A escolha por *Ajuricaba* como protagonista evidencia o compromisso do autor com a revalorização das vozes silenciadas da Amazônia; e também *As folhas do látex* (1976), que tematiza o ciclo da borracha, mostrando com ironia e densidade os bastidores da modernização forçada da Amazônia. A peça reencena o drama de trabalhadores, seringueiros, políticos e exploradores estrangeiros, desmontando o mito de progresso associado à borracha. Mescla elementos do teatro épico brechtiano com a tradição popular e oral amazônica.

Tem Piranha no Pirarucu (1978) é outro exemplo de sua crítica mordaz aos poderes instituídos, com forte carga satírica. Nela, Souza utiliza a linguagem popular,

o riso e a paródia para denunciar esquemas de corrupção e o abandono das comunidades amazônicas. Utiliza o humor para criticar o clientelismo, o autoritarismo e a corrupção no Norte do Brasil, e reflete o contexto do final da ditadura militar e suas contradições regionais; *Jurupari, a guerra dos sexos* (1979) aborda as relações entre homens e mulheres, utilizando elementos da mitologia local; *A Resistível ascensão do Boto tucuxi* (1982) gira em torno da figura do boto tucuxi, animal símbolo da Amazônia, que, na mitologia regional, transforma-se em homem sedutor. Na versão de Márcio Souza, o boto é reinventado como metáfora do poder político manipulador, oportunista e autoritário que se impõe sobre o povo amazonense, por meio de eleições corrompidas. O boto tucuxi da peça ascende politicamente com o apoio de elites locais, militares e instituições cúmplices. Sua “resistível” ascensão aponta para a cumplicidade social diante da tirania. A peça convida o espectador a perceber que a ascensão do autoritarismo não é inevitável, mas sim fruto da omissão, da convivência e do medo coletivo.

O teatro de Souza é também herdeiro do cordel, da comédia popular e das festas regionais, incorporando elementos da tradição oral para potencializar sua força política. Além da escrita de peças, teve papel ativo na cena teatral manauara. Foi presidente do Teatro Experimental do Sesc do Amazonas (Tesc), incentivando a formação de novos atores e diretores, promovendo festivais e contribuindo para a descentralização da produção cultural. Para ele, o teatro era um espaço de formação cidadã, onde a cultura amazônica poderia se afirmar e se reinventar. A dramaturgia de Márcio Souza inscreve a Amazônia no mapa teatral brasileiro com voz própria, crítica e inventiva. Seus textos conjugam memória histórica, denúncia social e celebração da cultura local, configurando o palco como trincheira e espelho, um lugar onde o povo da floresta pode se ver, se pensar e se projetar como sujeito de sua própria história.

O teatro de Márcio Souza dialoga diretamente com as noções de teatro político de Bertolt Brecht (2005), especialmente o uso do distanciamento crítico para estimular o pensamento reflexivo no público. Ao mesmo tempo, as propostas de Augusto Boal (2008) sobre o teatro do oprimido, que valoriza a participação popular e a resistência, ajudam a compreender a dimensão comunitária e engajada da obra teatral de Souza. A teoria da memória social de Ecléa Bosi (1994) complementa esse quadro, enfatizando o papel do teatro como espaço de preservação e ativação das memórias históricas da Amazônia, reconstituindo experiências silenciadas e marcadas pela violência colonial.

Discorrendo sobre a experiência teatral do TESC (Teatro Experimental do Sesc Amazonas), Souza destaca que foi mais de uma década de atividades intensas e exitosas que tiveram seu fim decretado quando, em 1980, “o SESC colocou cadeados na porta do pequeno teatro que servia de sede ao grupo, pondo fim a uma experiência de mais de dez anos” (Souza, 1984, p. 9). O TESC foi criado em 1968, “afinado com as experiências do Tropicalismo” e trazendo consigo as marcas da transgressão, segundo Aldísio Filgueiras. “O TESC incomodava o conformismo extrativista da Província ressentida, a censura da ditadura militar, e intrigava os críticos dos chamados grandes centros” (Filgueiras in: Souza, 2005, p. 8).

O grupo, tendo Márcio Souza à frente nos anos 70, havia desenvolvido uma postura crítica e engajada ao representar questões da história e cultura amazônica. Souza criou peças que penetravam no imaginário regional, como *A Paixão de Ajuricaba*, *As Folias do Látex*, *Tem Piranha no Pirarucu* e *A Resistível Ascensão do Boto Tucuxi*. O TESC orientou sua produção cênica em duas linhas principais: história regional, com narrativas sobre a colonização, resistência indígena e os dilemas amazônicos; e representação indígena, com espetáculos que trouxeram ao palco mitologias e povos originários.

Segundo o próprio Márcio Souza, o fechamento do teatro, com o consequente esfacelamento do grupo, provocou um indisfarçável regozijo entre os chamados “membros da classe teatral” de Manaus. Com isso, saiu vitorioso “o obscurantismo, o pavor do espírito crítico, a conciliação, o acomodado e pobre clima dos pequenos centros urbanos sem tradição cultural” (Souza, 1984, p. 10). E quem saiu perdendo foram os sonhos da juventude inquieta e contestadora, que se sentiu mais uma vez violentada e com o saldo em vermelho. A brutalidade do regime não admitia contestação. Realmente, desde a ditadura militar, o TESC foi espaço de contestação simbólica e artística em Manaus, promovendo debates sociopolíticos no palco durante períodos de censura e repressão. Além disso, durante anos se impôs como centro formativo, oferecendo oficinas gratuitas, dando oportunidades para jovens atores e transformando cultura em mobilidade social. Mesmo sendo o grupo interditado pela mordaza feroz, o entendimento de Márcio Souza, ao passar em revista toda a experiência teatral vivida, é de que foi “melhor o amargo que a falta de sabor” (Souza, 1984, p. 10).

O Ficcionista e a escrita de resistência e reinvenção da Amazônia

A relação de Márcio Souza com a literatura é profunda, vital e combativa. Desde sua estreia como romancista, com *Galvez, Imperador do Acre* (1976), ele construiu uma obra marcada pelo compromisso com a história social da Amazônia e pela recusa a um regionalismo exótico ou folclorizado. Sua literatura, longe de ser uma representação passiva do Norte brasileiro, é uma intervenção ativa na memória cultural e política do país. Souza escreve para descolonizar a imaginação nacional e para inscrever a Amazônia brasileira como protagonista de sua própria narrativa.

A formação literária de Souza é multifacetada: leitor de clássicos europeus, teóricos marxistas, cronistas coloniais e autores latino-americanos, ele soube fundir a ironia cervantina, a inventividade modernista e a crítica política do romance histórico contemporâneo. Sua literatura dialoga com o chamado romance de formação das nações, típico da América Latina, mas o subverte com humor, paródia e desmontagem da epopeia. A Amazônia que emerge de seus livros não é a floresta mística ou o paraíso verde do imaginário eurocêntrico, mas um território conflagrado por disputas de poder, por resistências populares e por silenciamentos históricos.

Márcio Souza afirmava que a literatura produzida na Amazônia não precisava de rótulos como “regional”, pois carregava as mesmas questões universais de qualquer grande literatura: a luta por justiça, a formação das identidades, o conflito

entre o humano e o sistema. Entre os romances que escreveu, constam: *Operação Silêncio* (1978), narrativa que põe em cena as arbitrariedades do período ditatorial no Brasil, dada a censura que impunha mordida aos intelectuais, especialmente ligados ao cinema e literatura; *Mad Maria* (1980), que trata da construção da ferrovia Madeira-Mamoré, no início do século XX. A obra mistura fatos históricos, personagens reais e fictícios, num estilo crítico, irônico e profundamente comprometido com a denúncia da violência colonial, da exploração capitalista internacional e da tragédia humana associada ao "progresso" imposto à Amazônia; *A Resistível Ascensão do Boto Tucuxi* (1982), que satiriza os desmandos e a corrupção da política amazonense, entrelaça o real e o fantástico, o documento e a fábula, criando uma linguagem própria, híbrida, que não se submete às formas dominantes do cânone.

Há outros romances menos conhecidos de Márcio Souza, como *A Ordem do Dia* (1983), que carnavaliza alguns eventos da ditadura civil-militar brasileira, explorando elementos do surrealismo; *A Condolência* (1984), em que o autor desmascara toda uma estrutura de poder historicamente enraizada na Amazônia e no Brasil, que sobrevive mudando apenas de aparência, durante a ditadura e o período de redemocratização do país. O romance reafirma o papel da literatura como instrumento de crítica social e resistência, alinhado à trajetória engajada do autor; *O Brasileiro Voador* (1985), narrativa biográfica e ficcional sobre a vida de Alberto Santos-Dumont, o célebre inventor e aviador brasileiro, conhecido mundialmente por seus feitos na história da aviação. O autor recria o personagem histórico, de forma bem humorada.

Vale destacar ainda o projeto ficcional de Márcio Souza em escrever a tetralogia "Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro", que seria formada por quatro romances históricos, intitulados *Lealdade*, *Desordem*, *Revolta* e *Derrota*. A tetralogia narra a história da região amazônica, mais especificamente do Grão-Pará e Rio Negro, durante o período imperial brasileiro, com foco na Revolução da Cabanagem. *Lealdade* (1997) acompanha a história de Fernando, um militar idealista que luta pela independência do Grão-Pará; *Desordem* (2001) se passa dez anos depois, mostrando a região em miséria após a anexação ao Império e a guerra civil; *Revolta* (2005) foca na Cabanagem, o levante popular que eclodiu na região, buscando a autonomia e a abolição da escravidão; *Derrota*, o quarto e último livro da tetralogia, não foi escrito, tendo sido apenas projetado. Assim, a "tetralogia" acabou se convertendo, na prática, em "trilogia".

Na ficção de Márcio Souza consta também um livro de contos muito apreciado pela crítica e pelo público. Trata-se de *A Caligrafia de Deus* (1993), livro que traça, com aguda ironia, o retrato de uma Manaus marcada pela decadência urbana, pelas fraturas sociais e pelas ilusões populares. O título remete à expressão proverbial "Deus escreve certo por linhas tortas", mas no texto esse "escrever" revela, na verdade, os desvios, os tropeços e os desencontros de personagens que buscam sentido em meio ao caos cotidiano de uma cidade que já foi propagandeada como símbolo de esplendor e agora se torna um espaço de marginalidade e desagregação.

Márcio Souza, como de costume, não entrega esses dramas de forma seca ou meramente trágica. Há sempre o humor mordaz, o riso que nasce da crueldade e da

inteligência crítica. Seu olhar é irônico, afiado, sem piedade, mas também profundamente comprometido com a denúncia das estruturas que aprisionam seus personagens. *A Caligrafia de Deus* se configura como uma narrativa polifônica da derrocada: da cidade, de seus símbolos, de seus habitantes. Um livro que, com estilo leve e cortante, conduz o leitor por uma Amazônia urbana em ruínas, onde as “linhas tortas” são, na verdade, riscos certos de um Deus ausente e de um Estado negligente, mas sempre traçados com a inteligência crítica e o sarcasmo afiado que definem a escrita de Márcio Souza.

A literatura de Márcio Souza também se destaca por seu experimentalismo formal. Ele explora múltiplos registros – cartas, discursos, documentos, lendas, notícias de jornal – criando narrativas caleidoscópicas, abertas, que desafiam o leitor a reconstruir o sentido. Sua escrita convoca o leitor a uma posição ativa, ética e política. Em suma, a literatura para Márcio Souza foi mais do que expressão estética: foi meio de resistência, plataforma de consciência histórica e ferramenta de transformação. Ele deu à Amazônia uma voz multifacetada, crítica e potente, capaz de dialogar com o mundo sem perder o enraizamento na floresta, nos rios, nas gentes e nos fantasmas que habitam sua terra. Sua obra permanece como um dos pilares mais consistentes da literatura brasileira contemporânea e como um convite permanente à insurgência da palavra.

A ficção de Souza encontra eco nas reflexões de Antonio Candido (1995), para quem a literatura cumpre uma função social essencial, atuando como instrumento de denúncia e transformação. Além disso, a crítica de Edward Said (2007) ao orientalismo fornece as bases para entender como Souza desconstrói os estereótipos exóticos que marcaram a representação da Amazônia. Silviano Santiago (2002) amplia essa discussão ao situar a obra de Souza no “entre-lugar” do discurso literário latino-americano, isto é, na interseção entre o regional e o universal, entre o colonizado e o agente da sua história.

O ensaísta: crítica, memória e pensamento amazônico

Embora amplamente reconhecido como romancista e dramaturgo, Márcio Souza construiu também uma trajetória notável como ensaísta, afirmando-se como uma das vozes intelectuais mais lúcidas e combativas na reflexão sobre a história, a cultura e os conflitos da Amazônia. Seus ensaios – publicados em livros, jornais, revistas e conferências – combinam erudição, rigor histórico e engajamento político. Escrever ensaios, para Souza, não era um exercício acadêmico neutro, mas uma forma de intervir no debate público e de disputar os sentidos atribuídos à floresta, aos povos e ao lugar simbólico da Amazônia na formação do Brasil.

A produção ensaística de Souza articula-se em três grandes eixos: a crítica à historiografia oficial e ao colonialismo, a denúncia das políticas de espoliação da região amazônica e a valorização das culturas indígenas e populares como formas de resistência. Livros como *História da Amazônia* (2009) e *A Amazônia Indígena* (2015) são expressões claras de um pensamento que não se limita ao diagnóstico: eles propõem uma reinterpretação da história a partir das margens, desmontando mitos

fundadores e revelando os mecanismos de dominação política e cultural que atuaram (e ainda atuam) sobre a região.

Em *História da Amazônia*, por exemplo, Souza reconstitui séculos de violência colonizadora, confrontando o discurso do "progresso" com os ciclos sucessivos de destruição ambiental e humana. Sua abordagem integra economia, geopolítica, etnografia e análise ideológica, sem jamais perder o vínculo com a experiência concreta dos sujeitos amazônicos. Já em *A Amazônia Indígena*, ele refuta a ideia de que os povos originários seriam obstáculos à modernização, defendendo sua centralidade na construção de qualquer projeto civilizatório sustentável. Como ensaísta, Márcio Souza alia a clareza expositiva à contundência argumentativa. Seu estilo é direto, por vezes irônico, sempre atento às ambiguidades do discurso hegemônico. Longe de adotar uma linguagem acadêmica hermética, ele escreve com a intenção de alcançar leitores amplos, de formar consciência crítica, de gerar debate. Nessa perspectiva, o ensaio torna-se uma ponte entre a literatura e a política, entre o saber e a ação.

Convém destacar também, em sua produção ensaística, o livro *O empate contra Chico Mendes* (1990), o qual reconstrói a trajetória de Chico Mendes como líder seringueiro e ambientalista, que mobilizou comunidades para resistir à devastação da floresta amazônica promovida pelo agronegócio e pela pecuária extensiva. Márcio Souza expõe como o assassinato do grande líder foi arquitetado e posteriormente abafado por redes locais de poder, envolvendo autoridades e agentes públicos, num retrato da diluição do Estado diante de interesses privados. Mais do que um pano de fundo, a Amazônia surge como personagem atuante, cujas tensões entre preservação e lucro, tradição e violência, resistem à neutralidade.

O autor desenha um panorama regional denso, com clareza histórica e prodigalidade literária. Apesar do tema grave, a narrativa incorpora a sensibilidade literária de Márcio Souza, que ao relatar os bastidores do poder e do crime, infunde uma oralidade regional robusta e momentos de cáustica ironia. A objetividade estrutural da trama policial convive com descrições sensoriais da floresta e do cotidiano da comunidade seringueira. No livro, ele dá o seguinte depoimento: “Na qualidade de nativo da região amazônica, desde o assassinato de Chico Mendes que me encontro – de certo modo – em estado de choque. Em meio ao alarido e à tagarelice que se seguiu, fiquei em silêncio” (Souza, 1990, p. 15).

Souza passa em revista o descaso das autoridades policiais brasileiras e amazônicas que fechavam os olhos para os assassinatos de líderes sindicais, mas, pressionados pela grita internacional que o caso provocou, se viram obrigadas a simular alguma ação. E critica também os ativistas de ocasião, brasileiros e estrangeiros, que invadiram a pequena e obscura cidade de Xapuri, no Acre, fazendo muito estardalhaço oportunista em torno do acontecimento trágico e em defesa da preservação da floresta, exigindo punição para os criminosos. Ironicamente, relata Souza, “enquanto o corpo de Chico Mendes baixava à sepultura, milhões de quilômetros de selva ardiavam, lançando na atmosfera grossos rolos de fumaça, às vezes tão negros e densos que transtornavam por horas e horas os voos dos aviões comerciais sobre a região amazônica” (Souza, 1990, p. 15).

Um homem como Chico Mendes, alerta Souza, não possui lugar na Amazônia dos grandes projetos econômicos, porque se trata de “uma região agressiva que se desacostumou aos desafios humanistas, que não pode conviver com propostas solidárias enquanto for uma mera fronteira das mais baixas aspirações de arrivistas” (Souza, 1990, p. 18). E diante do alarmante fato da morte de Chico Mendes, nenhum esboço de resistência parte das elites locais. É que “os políticos da Amazônia são folclóricos, fisiológicos e governistas”. Mas sempre há aqueles que, como Chico Mendes, não se conformam, que “preferem pôr em risco a própria vida na defesa de seu mundo ameaçado” (Souza, 1990, p. 18). Como se vê, Souza elabora um discurso certo, que põe a nu um rosário de hipocrisias reinantes.

Um lugar de destaque na produção ensaística de Márcio Souza é ocupado pelo livro *Expressão amazonense* (1977), considerado um marco na historiografia cultural da Amazônia, especialmente do Estado do Amazonas, ao posicionar a produção artística local como fundamental na compreensão dos conflitos econômicos, sociais e simbólicos vividos na região durante os séculos XIX e XX. Souza analisa como a colonização portuguesa, o ciclo da borracha, a criação da Zona Franca e a modernidade impactaram o repertório cultural amazonense. Ele destaca a literatura, o teatro, as crônicas, os relatos de viagem e os folhetins, articulando-os a partir de uma perspectiva sociológica afiada e uma ironia crítica que se opõe à superficialidade da “historiografia oficial”.

Segundo Milton Hatoum e outros intelectuais, o livro abriu “clarões” no meio da repressão da ditadura militar, funcionando como um espelho crítico onde os amazonenses se viam e se repensavam. Souza não trata a cultura da Amazônia como mera derivação de padrões nacionais ou estrangeiros. Pelo contrário, enxerga nela uma legítima forma de expressão, ainda que negligenciada, marcada pelo sincretismo e pelas tensões entre tradição e desenvolvimento. Ele aponta virtudes e vícios das formas culturais locais, frisando como a produção artística frequentemente serve tanto para legitimar quanto para resistir ao neocolonialismo econômico que transformou Manaus numa plataforma industrial isolada.

Ao investigar como os artistas amazonenses dialogaram com poderes políticos e capitais, Souza posiciona Manaus como laboratório de conflitos entre exploração (econômica e simbólica) e criação cultural autônoma. A escrita de Souza combina rigor crítico com leveza satírica. Ele não se abstém de posicionamentos. Seu juízo sobre a literatura local é contundente e provocador. Ao mesmo tempo, sua erudição e elegância tornam a leitura vigorosa e envolvente. O livro é até hoje adotado em salas de aula da Universidade Federal do Amazonas como texto formativo e catalisador de debates sobre identidade e memória.

Em tempos de devastação ambiental e apagamento histórico, os ensaios de Márcio Souza continuam a oferecer instrumentos teóricos e éticos para compreender e enfrentar os impasses da Amazônia. Seu pensamento é um chamado à insubmissão intelectual e à valorização dos saberes silenciados. Mais do que comentarista, ele foi um ensaísta de combate, alguém que, com a força da palavra, procurou desvelar o passado para transformar o presente.

Nos ensaios, Márcio Souza articula seu pensamento a partir das contradições brasileiras destacadas por Roberto Schwarz (1977), que apontam para a complexa relação entre forma literária e processo social. Darcy Ribeiro (1995) oferece uma perspectiva sobre a importância da Amazônia na formação cultural do povo brasileiro, tema recorrente na obra ensaística de Souza, que busca reposicionar a região no debate nacional. A perspectiva das epistemologias do Sul, proposta por Boaventura de Sousa Santos (2006), fortalece a compreensão do ensaio como um instrumento para descolonizar o saber e valorizar os saberes locais e indígenas, centro das preocupações intelectuais de Souza.

O gestor cultural: um intelectual à frente de seu tempo

Além de sua destacada atuação como escritor, dramaturgo, crítico e ensaísta, Márcio Souza teve papel fundamental como gestor cultural, especialmente no contexto amazônico e nacional. Sua passagem por cargos públicos e instituições culturais revela um intelectual engajado, que não se limitou ao campo da criação artística, mas que também se dispôs a planejar, organizar e implementar políticas culturais voltadas à valorização da diversidade brasileira, com ênfase particular na Amazônia brasileira. Foi diretor da biblioteca Nacional, gestor da Fundação Cultural do Estado do Amazonas, Presidente do Conselho Municipal de Cultura de Manaus, Diretor da Biblioteca Pública Estadual do Amazonas, entre outras funções públicas no plano da cultura. Com uma visão ousada e descentralizadora, ele buscou colocar Manaus e a cultura amazônica no centro das discussões nacionais, enfrentando o eixo Rio-São Paulo e demonstrando que a produção simbólica do Norte do país não apenas tem valor artístico, mas também possui potência política.

Sua atuação como presidente da Fundação Nacional de Artes (Funarte), reforçou esse compromisso. Ao ocupar uma das instituições mais importantes do setor cultural brasileiro, Márcio Souza levou à Funarte uma visão pluralista e crítica da cultura. Defendeu o fomento à produção independente, o acesso democrático aos bens culturais e a necessidade de incluir as regiões historicamente marginalizadas nas políticas públicas de cultura. Sua gestão foi marcada por uma clara posição contra o elitismo institucional, propondo editais mais abertos, diálogo com artistas de diversas linguagens e incentivo à formação de redes culturais em todo o país.

Márcio Souza foi responsável também por iniciativas de caráter formativo, como cursos, oficinas e debates públicos, mostrando que a gestão cultural deve ir além da simples administração de projetos: trata-se de pensar cultura como um campo de cidadania, de memória e de resistência. Com forte consciência histórica, ele entendia que gerir cultura no Brasil exigia enfrentar desigualdades profundas – econômicas, geográficas, raciais e simbólicas. Seu legado como gestor cultural reside não apenas nas obras e eventos que ajudou a promover, mas também na concepção crítica e inclusiva de cultura que defendeu. Para ele, cultura não era mercadoria, tampouco ornamento: era direito, era expressão da vida coletiva, era campo de disputa por narrativas e pertencimentos. Seu trabalho articulou criação, política e educação, sempre em diálogo com as especificidades da Amazônia e com os desafios mais amplos da cultura nacional.

Assim, como gestor, Márcio Souza reafirmou a coerência de sua trajetória intelectual. Ele levou para a prática institucional o mesmo olhar comprometido com a diversidade, a justiça social e a complexidade cultural que marca sua obra literária e ensaística. Sua atuação permanece como referência para aqueles que pensam uma política cultural que valorize os territórios invisibilizados e as vozes plurais do Brasil. A sua atuação na gestão cultural pode ser analisada à luz do conceito de intelectual orgânico de Antonio Gramsci (2004), que enfatiza o papel do intelectual como articulador entre cultura, política e sociedade.

O ativista cultural polêmico e combativo

Márcio Souza sempre foi uma voz ativa, crítica e incômoda no cenário cultural brasileiro. Desde os anos 1960, sua atuação se destacou pelo enfrentamento direto às estruturas de poder – fosse o poder político, fosse o simbólico. Como ativista cultural, construiu uma trajetória marcada por uma combatividade inegociável e por uma postura crítica radical diante da negligência histórica com a Amazônia, da exclusão cultural das periferias brasileiras e da manipulação ideológica dos grandes centros sobre as regiões ditas “marginais”.

Sua formação intelectual e artística aconteceu em meio ao efervescente contexto da ditadura militar, época em que já desafiava a censura com suas críticas afiadas ao regime e aos discursos oficiais. Como crítico de cinema, atacava com sarcasmo e precisão a mediocridade da produção cultural alienada. Como dramaturgo, produziu peças ácidas e provocativas, como *As folhas do látex* e *Tem piranha no pirarucu*, que escancaravam as contradições da história amazônica, especialmente o ciclo da borracha, e ridicularizavam o patriarcado, o autoritarismo e a hipocrisia da elite local.

Sua combatividade, porém, não se limitava à criação artística. Nos espaços públicos, na imprensa e nas instituições, Márcio Souza manteve sempre uma postura de enfrentamento. Criticava abertamente as políticas centralizadoras do eixo Rio-São Paulo e a forma como o Sul-Sudeste moldavam a imagem do Brasil ignorando as realidades do Norte. Denunciava a ausência de investimentos culturais sustentáveis na Amazônia e apontava, com veemência, o exotismo e o folclorismo com que a cultura da floresta era tratada nos circuitos acadêmicos e artísticos do país.

Como gestor cultural, tanto à frente da Fundação Cultural do Amazonas quanto na presidência da Funarte, Souza nunca abriu mão de suas convicções, mesmo quando isso lhe custava atritos com outros agentes culturais e políticos. Foi acusado de ser “intransigente” ou “radical”, mas sua intransigência era a da ética intelectual: não aceitava compromissos com o apagamento da história, com o empobrecimento da linguagem ou com a submissão da cultura à lógica do mercado. Essa postura lhe rendeu respeito, mas também resistência, e é justamente nessa fricção que sua figura se torna imprescindível. Márcio Souza sabia que o ativismo cultural não é confortável. Ele provoca, desacomoda, tensiona. E foi nesse espírito que atuou: fazendo da cultura uma arena política, um território de disputa simbólica e uma trincheira de resistência.

A postura combativa de Márcio Souza enquanto ativista cultural dialoga com a obra de Frantz Fanon (2020), que, com seu enfoque na luta anticolonial e na cultura como espaço de resistência, reforça o entendimento da posição insurgente de Souza. Por fim, Gayatri Spivak (1988) fornece o arcabouço para refletir sobre a centralidade de dar voz às populações subalternizadas, missão que permeia toda a atuação pública e literária do autor.

Sua trajetória é marcada por conflitos públicos, embates ideológicos e denúncias corajosas, especialmente no que diz respeito ao descaso federal com a cultura amazônica. Mas, longe de buscar o confronto pelo confronto, sua combatividade estava sempre fundamentada em um profundo compromisso com a justiça social, com a memória histórica dos povos da Amazônia e com a democratização real da cultura no Brasil. Márcio Souza, portanto, não foi um ativista cultural no sentido superficial do termo. Foi um verdadeiro militante das ideias, alguém que enfrentou os silêncios forçados, rompeu consensos artificiais e exigiu que a Amazônia falasse com voz própria. E quando falava, não era em tom manso. Era em voz alta – e por isso, muitas vezes, incômoda. Mas necessária.

Considerações finais

Falecido Márcio Souza, no dia 12 de agosto de 2024, seu corpo foi velado no icônico Palácio Rio Negro, na capital amazonense. Daquele palacete histórico que hoje é um centro cultural do Amazonas, o féretro seguiu para o Cemitério São João Batista, em Manaus, onde o seu corpo foi guardado, desde o dia 13 de agosto de 2024, sob o chão que tanto amou e defendeu com inigualável paixão. Um infarto o interceptou, mas a palavra que semeou continuará a fazer eco pelo mundo.

A sua contribuição intelectual para a Amazônia é de proporções vastas e multifacetadas, como vimos. Escritor, cientista, dramaturgo, ensaísta e gestor cultural, ele soube conjugar erudição e engajamento político, sensibilidade artística e compromisso histórico. Sua obra constitui um dos mais densos e vigorosos projetos de construção de uma consciência amazônica a partir da literatura, do teatro e da crítica cultural. Desenvolveu desde cedo um olhar atento para as contradições sociais, econômicas e culturais da região. Ao longo de sua trajetória, ele desafiou o imaginário colonial e exótico que por séculos reduziu a Amazônia a uma paisagem silenciosa e passiva. Em lugar disso, sua escrita propõe uma narrativa viva e conflituosa, povoada por sujeitos históricos – indígenas, seringueiros, trabalhadores urbanos, mulheres, religiosos e revolucionários – que lutam por dignidade em meio à espoliação e ao autoritarismo.

Em seus escritos, desmonta os mitos do progresso e da integração nacional, expondo as alianças entre elites regionais e interesses estrangeiros, bem como a violência implícita nos discursos civilizatórios. Com humor mordaz e estrutura narrativa sofisticada, ele recria episódios históricos de sotaque oficial, rompendo com a tradição de uma historiografia excludente e perversa. No teatro, também exerceu papel decisivo na afirmação de uma estética regional comprometida com os dilemas amazônicos. Suas peças incorporam elementos da cultura popular, dialogando com

as vanguardas teatrais e com o teatro político de resistência. Sua dramaturgia expõe o grotesco do poder e a tragédia cotidiana das populações marginalizadas, oferecendo à cena nacional uma dramaturgia amazônica singular e afirmativa.

Sua produção ensaística, por sua vez, é marcada por uma crítica sistemática ao colonialismo interno brasileiro e à forma como o Estado lida com a Amazônia. Soube articular história, sociologia e estética, buscando compreender a região não como apêndice do país, mas como centro de elaboração cultural e política. Além da produção literária e ensaística, Márcio Souza foi articulador de políticas culturais, reforçando seu engajamento intelectual com a valorização da ciência e da cultura na região. Ele se destacou como intelectual público, capaz de debater com contundência as políticas de desenvolvimento, os projetos ambientais e os dilemas da autonomia amazônica. Em suma, a contribuição intelectual de Márcio Souza para a Amazônia reside não apenas na denúncia das injustiças históricas, mas também na construção de uma narrativa própria, onde a floresta não é cenário, mas protagonista. Sua obra tensiona o Brasil a se ver de forma mais justa e profunda, por meio da escuta da Amazônia como lugar de fala, de criação e de resistência. É essa Amazônia pensante, falante e insubmissa que Márcio Souza nos oferece, e é por isso que sua voz se inscreve como uma das mais fundamentais da literatura e do pensamento brasileiros contemporâneos. Fez da palavra escudo e lança, arma de ataque e defesa, em prol da Amazônia e sua gente.

Referências

- ADORNO, Theodor. **Notas de literatura**. São Paulo: Duas Cidades, 2003.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- BRECHT, Bertolt. **Pequeno organon para o teatro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CANDIDO, Antonio. "Literatura e subdesenvolvimento". In: CANDIDO, Antonio (Org.). **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- DIMAS, Antonio (Org.). **Literatura comentada – Márcio Souza**. São Paulo: Abril Educação, 1982.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2020.
- GRAMSCI, Antonio. **Intelectuais e organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTIAGO, Silviano. **O entre-lugar do discurso latino-americano**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

SOUZA, Márcio. **O palco verde**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.

SOUZA, Márcio. **O empate contra Chico Mendes**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1990.

SOUZA, Márcio. **Silvino Santos, o cineasta do ciclo da borracha**. Manaus: Valer, 2007.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**. Manaus: Valer, 2009.

SOUZA, Márcio. **A expressão amazonense**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977; Manaus: Valer, 2010.

SOUZA, Márcio. **A Amazônia indígena**. Manaus: Valer, 2015.